

**Orlando de Barros**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

orlandodebarros@gmail.com

Agradeço a oportunidade preciosa de vir aqui falar para um auditório tão numeroso.

Sou professor aposentado, depois de 47 anos de UERJ, embora ainda continue a atuar na pós-graduação como orientador e a produzir academicamente, e a escrever livros e artigos. Fui o professor que trabalhou por mais tempo na casa, tempo este que não mais poderá ser superado, tendo em vista as condições atuais de admissão dos professores. Fui aluno aqui no começo dos anos 60 e passei a professor em 1965, muito bem jovem, quase adolescente. No ano seguinte, a UFF abriu concurso, que fiz e passei, permanecendo naquela por 12 anos, até 1978. Fui professor aqui na UERJ durante todo o regime militar e tenho muito a dizer a respeito, o que é muito doloroso para mim, e para tantos colegas que também tem o que dizer.

Considerando as perseguições políticas ocorridas nas universidades brasileiras, com tantas cassações de professores e funcionários, com tantas prisões, desaparecimentos, exílios, a ditadura militar, a meu ver, foi relativamente branda na antiga UEG, hoje UERJ, se bem que, reconheço, muitos haverão de discordar. Em 1964, quando o meio universitário estava muito agitado, a UERJ estava longe de ser das mais politizadas e agitadas. Tanto assim era que muitos de nós que queríamos mais participação política, frequentávamos o CACO e a antiga Nacional de Filosofia. Fomos incomodados, é verdade, não poucas vezes, evidentemente, mas não tanto como em outras universidades. Na "Nacional", Universidade do Brasil, atual UFRJ, por exemplo, o curso de história foi praticamente dizimado, com muitas cassações e aposentadorias compulsórias, o que não se deu na UEG na mesma escala.

Eis agora uma boa oportunidade para que eu diga por que penso que não ocorreu. E o motivo é, certamente, uma revelação: a UEG dispunha de um escudo político protetor. Quando estudante, eu havia sido aluno do João Lyra Filho, desembargador, pessoa poderosa, que era, além disso, nada mais, nada menos, do que irmão do general Ademar de Lyra Tavares, membro da junta militar que, por motivo do afastamento por doença de Costa e Silva, passou o governo ao General Médici. O que muitas vezes acontecia é que o reitor conseguia por em liberdade estudantes ou professores que eram detidos. Sabia-se que havia agentes da polícia política, que se infiltravam nas salas de aula, que perturbavam o juízo de todos o tempo todo, o que causava um grande estresse e mal estar, com desconfiança generalizada sobre quem poderia estar espionando e delatando. Isso não só ocorria com os agentes infiltrados pelas agências repressoras, mas também pelos alunos, funcionários ou professores que haviam sido recrutados a serviço da ditadura. Mas, insisto, problemas havendo, João Lyra Filho procurava resolver, na medida do possível, mediante o prestígio e relacionamento pessoal.

Alguns dos professores fundadores da Universidade do Distrito Federal, em 1950, origem da UEG, eram aparentados ou estreitamente relacionados com muitos dos militares de alta patente que ascenderam

com a ditadura. Na verdade, este relacionamento vinha desde muito antes. Por exemplo, o professor Segadas Vianna, do curso de Geografia, era irmão do general João Segadas Vianna, que serviu como ministro da guerra no período parlamentar de João Goulart, mas que continuou um tanto prestigiado nas forças armadas, depois de 1964.

Uma pessoa particularmente importante como amortecedor da pressão política na UEG foi o polêmico professor de estatística Wilson Choeri, titular da universidade, um dos idealizadores do Colégio de Aplicação e, também, mais tarde, diretor do Colégio Pedro II. Chegou a ser vice-reitor da universidade, mas a sua posição política, considerada ambígua por muitos, o levou a derrota numa vez que concorreu às eleições para reitor.

Choeri tinha bom trânsito nos círculos militares, ao que se diz, por relações pessoais. Dizia Choeri que os militares com quem se dava reclamavam muito da universidade, como "inimiga da revolução". Por isso Choeri teria sugerido a eles o Projeto Rondon. Prontamente aceito e posto em prática pelos militares. De fato, a colaboração intensa das universidades em campis avançados pelo Brasil afora, trouxe prestígio para Wilson Choeri e para a UEG, que teve o seu campus avançado por alguns anos em Parentins, no Amazonas. Em verdade, o que Choeri fez foi atualizar e tornar factível um programa idealizado nos anos 30, de ocupação da distante "hinterlândia" brasileira, que vinha da ditadura de Vargas.

Mais tarde, Choeri seria acusado por despolitizar os jovens e colocá-los a serviço da ditadura. Seja como for, o que então corria é que a UEG era menos insegura durante as perseguições da ditadura militar. Entretanto, um bom número de alunos, colegas queridos, ganhou o exílio. Um deles foi meu aluno, no início da vida profissional, professor Lincoln Pena, que foi exilado em Paris, que continua hoje a escrever seus livros, e é presença frequente em minhas bancas. E cito o professor Lincoln porque tivemos algumas reuniões políticas na época, em que perguntávamos o que seria melhor fazer, se ganhar o caminho do exílio e ficar, para manter a universidade funcionando, com os círculos políticos ativos.

Pessoalmente, não apoiava qualquer dos grupos armados que se organizavam para combater a ditadura, achava que isso vinha exatamente em favor dos militares "falcões" partidários do endurecimento do regime. Mas "abria o bolso", colaborava regularmente com a luta armada, com grande risco pessoal, sobretudo como professor na Universidade Federal Fluminense. Depois, com a anistia, dos encontros com os colegas que voltaram do exílio, às vezes ouvia sobre as dúvidas que tinham sobre quem, de fato, mais sofreu, se aqueles que ficaram, ou os que se foram, e que, por exemplo, viveram protegidos, na Suécia, pelo Primeiro-Ministro Olof Palme, que levou daqui da América Latina uma quantidade enorme de pessoas que devem suas vidas a ele. Chegaram ao exílio, estudaram em conceituadas universidades, receberam documentos de trânsito internacional, tiveram como sobreviver, às vezes, em condições muito boas. Lincoln, por exemplo, fez o mestrado na Sorbonne, enquanto ficávamos aqui na "resistência", e não era muito fácil resistir...

Como não disponho aqui de um espaço muito grande, conto dois "causos", porque muitos deles temos, certamente, para contar. No governo do general Figueiredo os militares já estavam na defensiva, sendo previsível o fim da ditadura, pois sabiam que o regime já estava se esgotando. Uns poucos oficiais de ultradireita tentaram resistir por meio de atentados terroristas, que, no Rio, mataram e feriram, como o conhecido atentado do Rio Centro. Um desses generais falcões acusados de serem mentores dos atentados, o Brigadeiro Burnier, teve um casal de filhos, na ocasião, que foram nossos alunos no curso de História, para grande preocupação dos professores da época. O brigadeiro Burnier, é tido por ter sido o grão-terrorista idealizador do atentado que explodiria o gasômetro, por meio de elementos que faziam parte

do Parasar, atentado abortado por ter o capitão Sérgio "Macaco" se recusado a cumprir ordens, o que resultou em sua expulsão das Forças Armadas.

Um outro "causo" foi no fim do governo Médici. A UERJ ainda estava na rua Hadock Lobo. Eu dava aulas em outras universidades particulares, colégios, porque se ganhava muito mal então, não tínhamos o que se tem hoje, o regime de trabalho de 40 horas, agora com dedicação exclusiva. Ganhava-se por aulas dadas, tinha-se de juntar muitas aulas, em diversos lugares, para conseguir um salário razoável. Eu trabalhava então na FAHUPE, uma faculdade privada fundada por professores do Colégio Pedro II. Ao final do ano de 1973, o governo Médici já se encerrando, o general Geisel já escolhido como sucessor, o Rio estava um tanto agitado com boatos, que não se confirmaram, de que haveria protestos dos estudantes. A FAHUPE pagava muito mal, e às vezes, com atraso. Veio a notícia de que saíra o décimo terceiro salário. Então fui à rua do Ouvidor recebê-lo. Nesse momento, ocorreu uma dos episódios mais chocantes de minha vida durante a ditadura militar.

Havia um rapaz aqui na UERJ de quem nós professores e alunos gostávamos muito; não era muito garoto, em torno de trinta e poucos anos, muito loquaz e amigo de todo mundo. Esse rapaz, que era negro, com profissão de fé à esquerda, fazia muita força em favor dos direitos da população negra. Conversávamos muito sobre o teatro negro dos anos 50, que foi uma coisa que procurei estudar e pesquisar, tendo escrito anos depois um livro muito conhecido. Eu o tinha, de fato, em alta conta. Pois bem. Naquele dia agitado, eu sai do Banco Holandês Unido, na rua do Ouvidor, em direção à Rio Branco, quando vi um carro do DOPS, um Volkswagen modelo TL, parado em cima da calçada tendo, dentro dele, aquele estudante negro, esquerdista radical, pró-Fidel, militante do movimento negro, com uma metralhadora ao colo, um autêntico agente da ditadura. Isto era como um retrato e tanto daqueles tempos, em que a qualquer momento você poderia ser apanhado e trucidado.

E poderia ser intimado para prestar esclarecimentos sobre as coisas mais prosaicas. Certa vez fui intimado a ir à temida rua da Relação, coração aos pulos, já me sentia torturado, e dolorido. Chegando lá, o agente me chamou de burro, riu de mim, pois havia dado um cheque (ao invés de dinheiro, daí a minha burrice) para ajudar a pagar o advogado de defesa do professor e meu amigo Ivo Barbieri, mais tarde reitor da UERJ, que estava preso. O próprio Ivo havia feito uma bravata, pois, imaginem, fora preso com um revólver calibre 22, com que pensava poderia enfrentar a ditadura.

Ainda que eu insista em dizer que a UEG (o nome UERJ data de 1979, seis anos antes do fim da ditadura), é preciso dizer que o clima era pesado. Os diários eram checados para constatar se certos alunos estavam recebendo presença, quando estavam "sumidos", isto é, quando estavam presos pela repressão. Havia um professor responsável por isso, O. F., um sabujo perfeito, de cuja filha fui professor. Apanhado em falta, muitas vezes o professor procurava Wilson Choeri, que o admoestava e, em geral, perdoava a "falta".

Passados tantos anos, cremos que as feridas não foram de todo cicatrizadas, como se poderia pensar. Muitos dos professores daquela época reagiram muito mal à ditadura, desanimados, desestimulados. Uma boa parte das aulas não eram dadas, seja pelo absentismo galopante provocado pelo injusto sistema salarial, seja por não querer "colaborar" com a ditadura. Professores com apenas 10 anos de magistério já possuíam seus "bagrinhos", espécie de professores precários admitidos sabe-se lá como, para atuar em seus postos. Um deles, no curso de História, era conhecido pelo refrão "Se quiserem bater papo comigo, estou aqui embaixo, no pátio; se quiserem aula é lá com o professor T., lá em cima". Nesse clima, muitos acabaram reacionários, embora tenham sido pessoas razoáveis e de bom discernimento social, como foi o professor FSL, meu professor no ensino médio, tão admirável naquela época pelo saber e pelas posições sociais, que, mais tarde, por ocasião de uma banca de concurso público,

no CAP, tanta surpresa causou a mim e à saudosa professora Marilena Ramos Barboza, por suas concepções chocantemente reacionárias.

Pode-se dizer que coisas como a que acabo de dizer são produto do "zeitgeist", do espírito do tempo, mas continuam a pesar nas almas dos que ainda sobrevivem. Na verdade, é bom que se diga, pelo menos é o que penso, uma boa parte das piores mazelas da ditadura perduraram nos tempos novos. Eu me recordo das lutas fratricidas, no final da ditadura, para o domínio da universidade, pelo controle da memória dos acontecimentos, pela "desconstrução" de uma geração que deixava o poder para abrir caminho a uma nova geração tão defeituosa, senão mais, que aquela que encerrava as carreiras, tendo em seu quadro muitos suspeitos de terem colaborado, de algum modo, com a ditadura.

É claro que Wilson Choeri estava no caso dos "desconstruídos". Mas conheço bem a história deste professor, que me concedeu certa vez um longo depoimento para um capítulo de livro. Choeri, como muitos de sua geração, foi comunista. Durante a II Guerra, dizendo-se decepcionado com o Tratado Ribentropp/Molotov, deixou o comunismo, que passou a combater. Dizia-se um liberal, quando, atuando na universidade, era considerado, como o criador do Projeto Rondon, um estreito colaborador do regime militar. Entretanto, no fim de seus dias, Choeri foi diretor do Colégio Pedro II, petista convicto, muito bem relacionado com o Presidente Lula e o partido, tendo, por motivo deste relacionamento, multiplicado as unidades do Colégio Pedro II no Estado Rio de Janeiro e obtido todos os recursos de que necessitou em sua longa gestão.

De outro modo, muitas vezes me indago se a ditadura se encerrou na UERJ em 1985 realmente, como no resto do país. Foi difícil a criação da ASDUERJ, da qual sou signatário desde a primeira folha de adesão, não só pela oposição oficial contrária, mas também porque muitos professores "corriam por fora", para criar associações que pretendiam controlar.

A corrida aos novos cargos foi violenta. Certa vez vi, escandalizado, meus colegas "democratas", derrotados pelos professores reacionários "fundadores" remanescentes, em eleições para o departamento de história (recém criado), catando adiante, os papéis com os votos dados pelos colegas na lata de lixo, em busca de "traidores" que lhes haviam prometido o voto. A formação de cliques, panelas, grupinhos ou outros nomes que se lhes dão, tornou-se uma regra comum, com ataques furibundos aos que lhes se opunham, com "desconstruções" exemplares que bem poderiam ter sido objeto de estudo, como uma das causas por não ter avançado tanto como deveria a universidade brasileira, pois não aconteceu apenas à UERJ. Milton Santos, anos depois, falando da USP, dizia que a nova geração de professores preferia gastar o tempo formando suas panelas e redes sociais, em vez de "gastar as pestanas" estudando e preparando as aulas.

Meus últimos anos em sala de aula me renderam certa proteção, seja pelas aulas minuciosamente preparadas, seja pela minha produção científica, ou pelo reconhecimento dos alunos mais destacados, muitos deles como orientandos, que são hoje professores universitários. Mas não quis me aproximar dos grupelhos e paguei o preço: dei aulas por 47 anos, tive toda uma atuação acadêmica de praxe, e não pude sair titular, o que muito estranham meus colegas da UFF, que deixei antes de ter tempo de aposentadoria. Não fosse isso, teria sido esmagado, como foram tantos outros, pela nova ditadura que assomou os quadros universitários depois de 1985, sob a aparência das eleições universitárias as mais democráticas. E, antes disso, sofri, na UERJ, os 21 anos integrais da dolorosa ditadura militar.

A nova geração pós-ditatorial está, agora, por sua vez, dando adeus à Academia. Ela fez muito, devo dizer, em compensação, pois a Universidade caminhou para frente, apesar de tudo, mas sem deixar de revelar ainda muito dos piores ares autoritários.